

as possibilidades de empréstimos externos são mínimas, em que os investimentos estrangeiros desaparecem: a pausa imperialista é que permite a mobilização dos recursos nacionais e sua aplicação interna. Já em 1933, recomeçava a crescer a renda nacional, quando o mundo estava ainda mergulhado na crise. A crise libertara, assim, as forças produtivas capitalistas que vinham sendo entravadas no Brasil e permitira a sua expansão. E a economia de mercado interno vinha preencher os espaços deixados vazios e revelava o grau já atingido pela acumulação interna, antes obscurecido pela sangria externa. Processa-se, então, de forma às vezes violenta, e sempre rápida, a transferência de renda, particularmente da área agrícola para a industrial, da economia de exportação para a de mercado interno. A produção industrial cresceu, no Brasil, entre 1929 e 1937, em cerca de 50%; a renda nacional, em 20%. Entre 1920 e 1929, haviam sido criados aqui quase 4.700 estabelecimentos industriais; entre 1930 e 1939, foram criados mais de 12.000; entre 1940 e 1949, mais de 60.000. O valor da produção industrial, considerado o ano de 1914 com índice 100, passara ao índice nominal de 1.254, em 1938, e ponderado de 394, isto é, quadruplicara. A primeira estimativa da renda nacional, de 1939, dava a participação da indústria nela como sendo de 13%.

A crise na economia de exportação estava retratada, em parte, no declínio no valor da tonelada importada, que passara (considerado o índice 100 para 1928) de 42 para 38, enquanto o da tonelada exportada passara de 47 para 23; aquele caíra 4 pontos, este caíra 24 pontos; os saldos na balança de mercadorias, que haviam oscilado de 14 a 26 milhões de libras, entre 1922 e 1926, haviam caído para 6 milhões, em 1928; e o *déficit* no balanço de pagamentos, que variara entre 2 e 3 milhões de libras, nas alturas de 1922 e 1924, ascendera a 15 milhões, em 1926, e a 28 milhões, em 1928, declinando para 22 milhões, em 1930. A reação pela mobilização dos recursos internos e dos capitais nacionais pode ser aferida pelo crescimento na produção de alguns bens, entre 1930 e 1940: o cimento passara de 87.000 toneladas a 750.000; o ferro gusa, de 35.000 a 186.000; o aço laminado, de 26.000 a 135.000; o papel, de 53.000 a 121.000; o carvão, de 385.000 a 1.336.000; o álcool ascendera de 33.000 litros a 126.000. Produzíamos, agora, pneumáticos e câmaras de ar, para automóveis, que antes importávamos, entre os muitos bens de substituição que começaram então a ser fornecidos pela